

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números — No concelho de Tavira, . 8\$00
> > 10 > — Para outras localidades . 9\$90

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

ANO NOVO

Já cá estamos em 1959, no limiar desta caixinha de surpresas, que para uns será de esperanças e para outros de desilusões. Mais um ano de vida que se enceta, mais 365 dias que, como grãos de areia, irão enchendo a ampulheta do destino. No meio duma vozeria ensurdecidora de malquerenças, num ambiente hostil de ânimos exaltados e ao som dum toque fúnebre de saudades, abandonamos o velho ano na mesma estrada em que o encontramos a sorrir, prometedora esperança de hébé recém-nascido. Li algures que as esperanças são como as estrelas: brilham mas não trazem luz; lindas mas ninguém as alcança, porém



Eis o «Bébé 1959», que apesar de recém-nascido já se mostra apreensivo.

nem sempre assim acontece e se há um sorriso de esperança em cada alvorada, tenhamos fé que este Ano Novo seja o portador das maiores venturas e do progresso para a nossa terra.

Paz nos lares, alegria nas almas e união de sentimentos, eis o lema sublime que deveria ser a mensagem deste ano que principia.

Como astro que surge no mar encapelado da vida, oxalá que ele seja o doce mensageiro das alegrias e benesses para a terra portuguesa.

Porém, como as ilusões nos espereitam a cada canto, é bom acautelarmo-nos com o porvir, porque o passado foi nosso, o futuro não nos pertence e, como reza um velho adágio, pelo fio tirareis o novelo e pelo passado o que está por vir. Se a palavra é tempo e o silêncio eternidade, aguarde nos com calma o desenrolar dos acontecimentos e será asneira louvar antes de provar.

A prudência deverá, pois, ser o guia de todos no caminhar de mais esta etapa que vamos iniciar na Vida.

Mais um ano começou, uma nova era que surge na vida dos povos e o homem continua a galgar a estrada do destino na descoberta de um mundo melhor.

E tudo caminha, afinal, no mesmo ritmo e os anos prosseguem na sua marcha imparável transformando os homens e as coisas, como diz o poeta Casimiro de Abreu.

Tudo muda com os anos;
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença, nos desenganos!
— Tudo se agasta e se afeia,
Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a areia
Quando cresce e corre a vaga.

J. B.

Monumento

ao Poeta Isidoro Pires

A Comissão Organizadora mais uma vez apela para todas as pessoas a quem foram enviadas circulares solicitando o seu óbulo para a construção do monumento ao poeta taviense Isidoro Pires, o favor de uma resposta.

Igualmente lança o seu apelo a todos os tavienses e admiradores do Poeta a quem, por qualquer motivo, não tenham sido enviadas circulares, o apoio nesta cruzada de gratidão.

Subscrição

Transporte	14.902\$00
Rogério Sebastião Fernandes-Fonte Salgada.	20\$00
José Rosa Catarino-Santa Luzia.	20\$00
José Henrique Nunes-Bernardinheiro.	20\$00
António de Mendonça Lindo-Luz.	20\$00
Tenente Vitor Castela-Tavira.	100\$00
Luis Filipe Monteiro Santos-Tavira.	20\$00
Capitão José Inácio Conceição-Tavira.	50\$00
José Emídio Fernandes Sotero-Tavira.	50\$00
Dr. Zózimo Ramos-Viana do Castelo.	100\$00
Faustino Nobre-Tavira.	20\$00
Joaquim Pedro de Jesus-Faro.	20\$00
Renato Ferreira-Tavira.	20\$00
Vitorino Eugénio da Conceição-Cabanas.	20\$00
D. Augusta Gonçalves Costa e filhos-Lisboa.	50\$00
Eugénio da Cruz Costa-Lisboa.	10\$00
Joaquim Pilar Lisboa.	20\$00
Francisco José Livramento-Benguela.	200\$00
Acácio de Figueiredo-Porto.	20\$00
Anónimo-Tavira.	20\$00
Mário do Nascimento Jara-Monte-Estoril.	20\$00
A transportar	15.722\$00

A nova Direcção

do Hospital da Misericórdia DE TAVIRA

No passado domingo, dia 28 do corrente, procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes para a Santa Casa da Misericórdia de Tavira.

Conforme nota que a seguir damos, o resultado dessa eleição foi a escolha de pessoas idóneas, cuja administração, estamos certos, ficará bem entregue no triénio que se vai seguir.

Dirigir organismos desta natureza são sempre cargos espinhosos e, por isso, dignos de apoio.

Não podemos deixar de abrir aqui um grande parêntesis para prestarmos, mais uma vez, a nossa justa homenagem ao sr. Comandante José Emídio Henriques de Brito que, à frente do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Tavira, desempenhou um papel preponderante e a quem aquele estabelecimento e a cidade de Tavira, conforme cremos, muito lhe ficam a dever.

Toda a remodelação do velho hospital, na obra digna de relevo que hoje é, deve-se unicamente à sua actividade.

Continua na 2.ª Página

Apelos, Sugestões e Alvitres

1 — Brada aos céus o «Caso» da barra de Tavira!

Sim! Não há dúvida que brada aos Céus o que se está passando com aquilo a que chamam a Barra de Tavira, com aquilo que foi a melhor e mais segura barra do Algarve e que hoje outra coisa não é mais do que uma extensa ligação de mar entre a costa e o Rio, onde constantemente se arrisca a vida!

A barra que serve os vastos aglomerados de gente do mar, desde Santa Luzia, englobando Tavira, Cabanas e estendendo-se até Cacela, não tem presentemente condições práticas de utilização e é de uma insegurança inaudita sempre que os ventos na nossa costa sopram dos lados do levante!

Não existe, portanto, para aqueles que nesta zona vivem do mar e que nele procuram o ganha pão para si e para os seus, um mínimo de segurança sempre que as necessidades do dia a dia os obrigam a demandar a barra de Tavira!

Pois bem! Em condições como estas que acabamos de apontar, realiza-se no Algarve uma Sessão Plenária na Jun-

ta Autónoma dos Portos de Sotavento desta Província, e não vemos que a ela tenha assistido qualquer taviense ou que na mesma alguém tivesse erguido a sua voz em prol desta pobre cidade, que alcuñharam já de «Cemitério Algarvio»!

Lemos pasmados no «Diário Ilustrado» do passado dia 26 de Dezembro, que o montante do orçamento ordinário para 1959, da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve — organismo que nasceu nesta cidade e aqui permaneceu longos anos, até que daqui desapareceu, levado, talvez, por negligência de alguns, ou

Continua na 2.ª página

Lar da Criança

Mais uma vez a Direcção do Lar da Criança agradece reconhecidamente ao sr. José da Costa Marques, a generosa oferta de 500\$00, verba exclusivamente destinada à ceia e alimentação do Dia de Natal das crianças.

Bem haja, pois, este benfeitor do Lar da Criança de Tavira.

A Direcção do Lar da Criança deseja a todos os benfeitores desta instituição de Caridade um Ano Novo pleno de venturas, agradecendo reconhecidamente todos os auxílios prestados.

Santa Casa da Misericórdia de Tavira

Considerações Oportunas

pelo Dr. Jorge Correia

PESANDO o resultado das eleições da Misericórdia e meditando sobre o seu significado, muitos talvez superficialmente as tenham considerado uma desalegância para com o Homem que fez do quase nada a Misericórdia que é hoje!

Outros, talvez com intuitos inconfessáveis, pretendam insinuar uma interpretação de conveniência embora momentânea.

Alheio inteiramente à administração daquela Casa — só como clínico e taviense falo, hastando-me estas duas qualidades para poder aqui afirmar-vos, mais uma vez, em nome da Verdade e da Justiça que o Ex.º Senhor Comandante José Emílio Henriques de Brito fez uma obra incontestável que se avanta para



Comandante Henriques de Brito

além da vulgaridade, devendo-lhe a cidade os mais sagrados e merecidos louvores e os mais rendidos agradecimentos.

Quero crer que Tavira, fidalga como sempre no reconhecimento, pela mão dos seus mais lídimos representantes lhe há-de agradecer, cingindo as nossas vozes e vontades dispersas no elo que a todos unirá numa prova indelével de gratidão e justiça. Quero crer ainda que a modestia e reconhecida bondade do sr. Comandante Henriques de Brito não constituirão argumentos suficientes para se eximir ao nosso veemente desejo.

E poderá parecer que me contradigo afirmando que lancei o meu voto a favor do novo Provedor!

Como a coisa decorreu e não vale a pena dissertar sobre o assunto, duas pessoas ficaram desde a sua gesta ligadas, em consciência, ao sr. José Emídio Fernandes Sotero: — o sr. Comandante Henriques de Brito e eu.

O primeiro por coerência com a sua vontade bem expressa de partir, apesar das nossas tentativas no sentido de o demover a ficar, o segundo, porque tendo sido convidado a arranjar nomes para Provedor, empenhara ainda que implicitamente a sua simpatia para com a entidade convidada. Se assim não fosse não se poderiam apontar, estouto convencido, estas duas atitudes como exemplos de desinteresse total e inteireza de carácter.

Continua na 3.ª página

«Natal do Legionário»

Com a colaboração do Comando Distrital da Legião Portuguesa de Faro, realizou a Lança de Tavira, no passado dia 24 de Dezembro de 1958, o «Natal do Legionário», distribuindo pelos 15 componentes mais necessitados da Lança um donativo em géneros que constou de pão, massa alimentícia, arroz, café, açúcar, grão e toucinho.

Uma Carta

Do sr. Comandante dos Bombeiros Municipais de Tavira recebemos com pedido de publicação a carta que a seguir transcrevemos:

Tavira, 31-Dezembro-1958

Sr. Director

Para os devidos efeitos peço a V. a publicação do seguinte esclarecimento acerca do artigo «Apelos, Sugestões e Alvitres» inserto no vosso jornal de 28 do corrente no que se refere à actuação do Corpo de Bombeiros desta cidade nas ocorrências e inundações provocadas pelo temporal na madrugada de 21.

As afirmações feitas não só não correspondem à verdade dos factos como denotam inteiro desconhecimento do que se passou ou requintada má fé do articulista o que aliás não é de estranhar se compararmos as notícias agora trazidas a lume com outras do mesmo jaez publicadas anteriormente e já formalmente desmentidas.

Apesar de me encontrar ausente no dia dos acontecimentos, pelas averiguações a que logo se procedeu constata-se que há da parte do articulista o propósito firme de, com o seu espírito derrotista e pouca seriedade de processos, atingir as Entidades Oficiais que têm a seu cargo os diferentes sectores da Administração Pública desprezando por completo as funestas consequências que podem resultar da sua incompreensível e insólita atitude.

Podia ir mais além e desde já demonstrar a falsidade das suas afirmações mas dado que foi pedido um rigoroso inquérito às Instâncias competentes para se esclarecer e apurar toda a verdade, considero por agora o assunto encerrado até à sua conclusão.

Apresento a V. os meus cumprimentos.

A bem da Nação

O Comandante

a) José Filipe Ribeiro

Quadros de Loulé antigo

Continuação da 4.ª página

irmãs gémeas da sincera e franca fraternidade social.

«Aurora teve um menino, Tão pequenino, opsi quem será? Cala-te, Aurora não chores!... O pai do menino logo virá»...

Era a canção da moda! Era o sabor adocicado de todos os paladares! Era o sonho dos aspirantes à honrosa craveira da paternidade!!

João Parrinha, um exímio mandador das desfolhadas e dos bailes de roda comandados; José Maltezinho e Chico da Palma, tocadores de guitarras com pruridos artísticos; Fráquito, Mariano Guerreiro, José Filho, exímios bandolinistas; Angelo Correia (barbeiro) um violinista de salão, de fino gosto; e, com variados e afinados tocadores de viola, perfaziam um friso de destaque, no qual a juventude mais avolumava as agradáveis sessões rodopiar valsas, mazurcas, polcas e «pás-de-quatras».

Na fase dos Santos Populares o que não era Loulé! Vejamos:

Na rua de Serpa Pinto, o arraial popular com mastros revestidos de verdura, balões, arquinhos, música, foguetes, fogos de artifício, «bechinhas de rabião», pistoletes, «estalinhos do diabo», «bombinhas de Santo António», e, os portentosos «cartuchos» ou «cartilhas»; um pequeno coreto todo ornamentado à veneziana e o Manuel Corcunda regendo a «sua» música, constituída com os aprendizes da Banda onde pontificava o apumado e respeitável Mestre Pires.

A «rua das lojas» — o empório do comércio louletano — de ponta a ponta, pejada de mastros com «charolas» bem fornecidas de apetitosos santos feitos da massa de bolos — o que constituía a cobiça da malta da rua; o alecrim e o rosmaninho a perfumarem o ambiente, e, as fogueiras a convidarem o sangue revoltado das gentes moças, de mãos dadas e aos gritinhos nervosos, em louvor dos três Santos Populares, com fervores de casório, a saltarem essas aparatosas fogueiras.

Autêntico campo de batalha com fogo de barragem de trincheira para trincheira. Na vasta Praça, o delírio de fogo. Grosas de «canudos» ali se queimavam.

Eram os partidos com seus sequazes. Os frágeis caixilhos retirados das janelas para evitar o rebentar dos vidros com as fortes detonações.

Frenéticos partidos de baixo e de cima davam exímios e arrojados artistas no manejo dos «cartuchos». Cabriolavam com

o fogo: duas «cartilhas» em cada mão e outra na boca — que temeridade!

Depois... quando as lançavam a distância para elas revoltarem o largo espaço, o estampido final era a sagração do atirador, que, saindo ileso da refrega do fogo de todas as noites, constituía como que um ídolo das discussões entre os dois partidos.

Que tempos! Que alegria na alma do povo louletano que não se fartava de ver, admirar e discutir os folguedos populares.

Ele sentia-se mais feliz! E como nota a atestá-lo, o seu estado de espírito optimista manifestava-se publicamente quando, os fornos de cozer pão que abundavam por toda a vila, eram assediados com cozeduras extraordinárias. E eram as assadeiras de barro com os belos pargos condimentados com batatinhas novas e temperos de «encher o olho». (Cada pargo grande — talvez dois ou três quilos — custava três ou quatro vintens).

Volvidos, depois, à procedência, o aroma era guloso e provocante; eram os bolinhos caseiros, as pernas de cabrito, e todas as demais cozeduras que fazia acudir aos fornos uma amalgama de gente a fazer correr permanentemente o suor aos mártires forneiros.

Era todo um movimento onde ricos e pobres haviam conquistado um lugar ao sol doirado que agasalhava todos num alegre e confortável passado!

Sinais dos tempos. Melhor, pior? — o progresso não se compadece com o sentimentalismo, é o caso.

Todavia, recordar, é saudade que perdura!!!

Pedro de Freitas

COURELA

Vende-se, no sítio da Igreja de Santo Estêvão, com arvoredo.

Recebe propostas, Patrocínio da Conceição Guerreiro, Terreiro do Garção, 14 — Tavira.

PAPELARIA IDEAL

TELEFONE 131

Rua 5 de Outubro, 17 — TAVIRA

Artigos de papelaria, de escritório, de desenho e escolares

Livros de ensino primário e do 1.º, 2.º e 3.º ciclo liceal e técnico

Últimas novidades literárias

Revistas nacionais e estrangeiras

Postais ilustrados e com a vista geral e parcial da cidade.

Jogos e construções

Impressos da Imprensa Nacional

A nova Direcção

do Hospital da Misericórdia DE TAVIRA

Continuação da 1.ª página

Os legados «Manassas» e «Professor Silva Carvalho» são também, porque negá-lo, frutos da sua inteligente acção em prol daquela instituição de beneficência.

Alguns milhares de contos recebeu o hospital graças à sua influência pessoal e aos seus dotes de coração.

É com mágoa que vemos afastar-se do Hospital de Tavira essa figura prestigiosa que não sendo tavirense, muito contribuiu para o seu progresso no campo da assistência e isto faz-nos lembrar uma velha frase de Santa Catalina: A Caridade não tem pátria.

Nestas singelas palavras queremos, sem louvaminhas ridículas, afirmar ao sr. Comandante Henriques de Brito também a nossa parcela de gratidão pelo que fez em prol do Hospital da nossa terra.

Muito embora lhe tivesse faltado aquela colaboração a que tinha jus alguns períodos da sua administração, soube vencer todas as dificuldades como homem bem intencionado e continuar a sua obra benfazeja.

Como muito bem afirmou o sr. Dr. Jorge Correia, numa carta publicada no «Povo Algarvio» de 27 de Setembro de 1953, quando da manifestação pública que lhe foi feita: «O sr. Comandante Henriques de Brito, a quem o povo de Tavira considera desde há muito copterrâneo honorário».

A nova mesa da Santa Casa da Misericórdia, que recebe a generosa herança de um hospital moderno, de um estabelecimento de caridade modelar, fazemos votos para que consiga sempre desbravar as sarças que decerto hão-de surgir no caminho, para o desempenho da sua generosa missão.

A nova Mesa da Misericórdia de Tavira é constituída pelos srs: José Emídio Fernandes Sotero, Provedor; Manuel Gil Fernandes Lapa, Secretário; João Faustino Neves Gonçalves, Tesoureiro; e José António de Jesus, Vogal Tesoureiro. Assembleia Geral — Dr. José Raimundo Ramos Passos, Presidente; António de Sousa Dias, 1.º Secretário; e José Augusto Azeiteira, 2.º Secretário.

Clube Recreativo Tavirense

Na Assembleia Geral realizada no passado dia 30 de Dezembro, foram eleitos os corpos gerentes deste Clube para o ano de 1959, os quais tiveram a seguinte constituição:

Assembleia Geral — Presidente, Alfredo Augusto Cordeiro; Vice-Presidente, Isidro José Leira; 1.º Secretário, Benedito Dias; 2.º Secretário, José Joaquim Justino Zacarias.

Direcção — Presidente, Alberto do Nascimento Jara; Vice-Presidente, José Francisco dos Santos; 1.º Secretário, Fernando Manuel Vieira; 2.º Secretário, Manuel Francisco de Brito; Tesoureiro, José Clementino de Sousa. Substitutos: Vitorino Feliciano Cardoso e João Agnelo de Brito.

Conselho Fiscal — Presidente, Sebastião José da Luz; Secretário, Laurentino de Jesus Gonçalves; Relator, Joaquim Jerónimo de Almeida. Substitutos: João Fernandes dos Santos Parreira, Sebastião António da Encarnação e António José de Barros.

Caminhos de Ferro

Serviço especial de Natal e Ano Novo (ZONA SUL)

Para assegurar o transporte de passageiros que se deslocam nesta zona do País por ocasião do Natal e Ano Novo, é estabelecido o seguinte serviço especial:

Do dia 19 a 24 e 31 de Dezembro de 1958 e de 1 a 7 de Janeiro de 1959

Comboio n.º 8011 (rápido do Algarve) — Efectua-se diariamente entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, com ligação de e para Aljustrel e para Lagos.

Nos períodos acima em referência dá diariamente ligação para Sevilha.

Automotora n.º 9728 — Efectua-se diariamente entre Faro e Lagos.

Automotora n.º 9730 — Suspensa a sua circulação entre Faro e Lagos.

Do dia 20 a 25 de Dezembro de 1958 e de 1 a 8 de Janeiro de 1959

Comboio n.º 7012 (rápido do Algarve) — efectua-se diariamente entre Vila Real de Santo António-Guadiana e Barreiro, com ligação de Lagos e de e para Aljustrel.

Nos períodos acima em referência recebe diariamente ligação de Sevilha.

APELOS

Sugestões e Alvitres

Continuação da 1.ª página

no seguimento dum «triste fadário» que vai continuando sempre, — se eleva a 8.735 contos! Deste, destinam-se 1.031 para despesas com o pessoal; 6.503 para despesas com o material e 1.192 para pagamentos de serviços e diversos encargos!

Através daquela notícia verifica-se à J. A. P. S. A. «é devida uma vasta obra de valorização dos Portos da área da sua jurisdição», sendo apenas de lamentar que nós, tavirenses, não tenhamos podido ainda beneficiar também dum pouco dessa valorização, pois praticamente nada se tem feito por Tavira de há muitos anos a esta parte.

Lemos também do alvitre para que se estudasse com urgência a construção de uma obra para acostagem, ainda que a título provisório, de navios de carga, na Volta Vagrosa, em Faro, para que ali se tornassem mais fáceis as operações de carga e descarga de mercadorias, enquanto não se acaba de construir o Porto interior na capital da nossa Província!

É não há dúvida, uma obra necessária! Mas, não devia ter sido esquecido que a barra de Tavira, tal como se encontra actualmente, oferece perigo constante aos homens do mar, muitos dos quais ali têm perdido as suas vidas ou os seus haveres, muitas vezes à vista do pessoal do Salva-Vidas, que não tem possibilidade de os socorrer, visto que esta embarcação, especialmente construída para aquele fim, já não tem possibilidade de sair a Barra e levar a sua esperança aos naufragos, quando a água está a meia maré!

Se uma obra é urgente, pelo que representa de facilidades materiais para os exportadores e grandes potentados na indústria — para não falar de Organismos que indirectamente vão receber benefícios económicos — visto que facilmente podem embarcar mercadorias que de outro modo teriam de ser canalizadas para outros portos, a outra é urgentíssima pelo que representa de humanidade para aqueles que fazem do mar, a única razão da sua sobrevivência!

Uma vez que Tavira — parece — foi mais uma vez esquecida nesta maré alta de obras e benefício que se antevêm pelo que ficou dito na Sessão Plenária da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, a que alude o nosso colega «Diário Ilustrado», resta-nos «apelar», em nome dos homens do mar da nossa terra, que no orçamento do próximo ano, não seja mais uma vez olvidado o anseio natural daqueles que esperam ver a sua barra em condições de servir os que mais dela necessitam!

Oxalá assim seja, porque já não é sem tempo!

Liberto Concelção

Saúde e Lar

Uma capa própria da quadra em que estamos, muitos artigos que se lêem com agrado e interesse e gravuras adequadas ao texto — eis o número 134 desta revista que se publica «em prol de uma vida física e moralmente sã».

Eis os títulos dos artigos inseridos no presente número: Natal! Natal! Temperatura, pulso e respiração; A sífilis; Prudência e menos velocidade; Panarícios; O fumo, como agente do cancro; A beleza I; Os ataques cerebrais; O açúcar branco.

Agradecemos a oferta do exemplar remetido e recomendamos «Saúde e Lar» colaborada por médicos nacionais e estrangeiros e incluindo páginas especiais como «da Saúde em caso de emergência», «Consultório da cozinha infantil», etc.

Uma aventura

do cinéfilo Jeremias

Continuação da 4.ª página

Irritado, maldizendo baixinho a pouca sorte, a sua situação ainda se agravou mais quando a vizinha começou a barafustar só porque o velhote seu marido havia proferido uma palavra de elogio à bela artista e o vizinho, ofegante pelo calor que ambientava a sala, começava a limpar o mau cheiroso suor que lhe caía pela cara.

Sem poder mais o Jeremias fugiu e jurou nunca mais ir ao cinema enquanto não fosse construída a nova sala de espectáculos há muito tempo projectada.

Ágora, ele lê pequenas revistas da colecção «cinema» que publicam os enredos das películas e sofre dos rins, que diz ser resultado daquela inesquecível noite. Enfim, o meu amigo Jeremias não quis continuar a ser um bom cinéfilo e clama a toda a gente e com razão: Sete escudos dão direito em qualquer cinema a uma boa comidade.

Benfica-Sporting

de Augusto Santos

É este o título da farsa em um acto com que Augusto Santos, o conhecido jornalista desportivo e nosso estimado colaborador, acaba de nos mimosear em separata da «Folha do Domingo».

Com muito chiste o autor apresenta a sua farsa de actualidades com todos os pormenores e facécias com que um «doente da bola» escuta através da T. S. F. a um encontro de futebol entre o seu clube favorito e o seu rival mais temido.

Sem lhe escapar um pormenor, consegue com muita graça arrancar as mais francas gargalhadas aqueles que mesmo só por distracção vão assistir aos encontros de futebol.

Conhecedor a fundo da matéria versada na sua peça ele consegue movimentar na mais franca hilariedade desde o árbitro até ao massagista.

Felicitemos Augusto Santos pela brilhante farsa que bem merecia uma boa representação nos nossos campos de futebol...

Tribunal Judicial

Comarca de Tavira

ANÚNCIO

Por este se faz público que no dia 11 de Dezembro de 1958, foi distribuída na Secretaria Judicial desta comarca, uma petição de Acção de Interdição por demência, que corre seus termos pela Secção de Processos, na qual a ré Maria Cândida Estevão Guimarães, solteira, maior, residente nesta cidade, é arguida de incapacidade total para reger a sua pessoa e bens.

Tavira, 17 de Dezembro de 1958

O Chefe da Secção de Processos

João Faustino Nunes Gonçalves

Verifiquei:

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Ferreira

Vende-se

Um prédio situado no Terreiro do Parguinho, 1 em Tavira.

Dirigir propostas a Maria Julieta Gil, Santa Rita — Cabela.

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Livros e Revistas

Jornal do Pescador — Recebemos o n.º 239, referente a Dezembro, deste órgão das Casas dos Pescadores.

História dos Descobrimentos — Recebemos o fascículo n.º 6 desta obra monumental, colectânea de esparços, organização, notas e estudo final do Professor V. Magalhães Godinho. Trata-se de uma obra do professor Duarte Leite, que interessa a todos os estudiosos, numa primorosa edição das Edições Cosmos, Lda.

«**O Pirlampo**» — Recebemos a amável visita desta simpática revista, boletim do pessoal da IV sub-divisão comercial das C.R.G. E., com quem gostosamente vamos permutar, fazendo votos pelas suas prosperidades.

Cinderela — Recebemos o n.º 47 desta simpática revista para a mulher, que insere lindos bordados e rendas e se publica sob a direcção da sr.ª D. Sofia C. Nascimento Rolão.

Para Ti — Também recebemos o n.º 78 de «Para Ti» relativo a Janeiro, com lindos desenhos e modas. A sua directora a sr.ª D. Sofia Coelho Nascimento.

Revista d'Aquém e d'Além Mar — Foi publicado o n.º 101 desta interessante publicação mensal, de que é director o sr. Dr. Gonçalves de Lima.

Rua Larga — Referente a Dezembro, acaba de ser publicado o n.º 20 desta revista de antigos estudantes que, com toda a regularidade, se vem publicando em Coimbra há mais de um ano, colaborada pelos mais destacados valores das passadas gerações académicas. Com este número completa-se o 1.º volume, constituído pelo que foi publicado em 1957 e em 1958, o que perfaz um total de mais de 650 páginas repletas de assuntos do maior interesse para quem deseje evocar as agradáveis recordações da sua mocidade académica.

Os Açores na Colecção «Terras Portuguesas» — Com um interessante e bem documentado folheto dedicado aos Açores, encerrou-se brilhantemente a colecção «Terras Portuguesas» que a Shell tem vindo a editar e a distribuir gratuitamente, prestando deste modo relevante serviço ao Turismo Nacional.

Ilustrado com óptimas fotografias, o folheto sobre os Açores constitui excelente guia quer para o turista quer para todo o açoriano que deseje conhecer melhor o encantador arquipélago onde vive. Na realidade, á parte um mapa da localização das ilhas dos Açores no Oceano Atlântico, o folheto insere um elucidativo texto focando a paisagem e os habitantes, a história, os museus, monumentos, panoramas, usos e costumes.

Tornar-se-ia difícil reunir maior número de informações num livrinho tão manuseável, que sem dúvida fecha, com chave de ouro, uma colecção que tem obtido inulgar êxito e procura.

«**Ronda da História**» — Mais um feixe de palpantes assuntos, mais um autêntico sucesso, o número de Dezembro de «Ronda da História», a admirável revista mensal dirigida pelo escritor Américo Faria e que de mês para mês maior aceitação está obtendo do público leitor.

Entre outros artigos deste número — o 21.º — contam-se: Vida trágica de Camilo; Mulheres amparadas; Justiça humana (caso ocorrido em 1812); Tzou-Hhi, a última imperatriz da China; Savonarola contra Lourenço de Médici; Triste Natal da Rainha Ana Bolena; Assassinio de Chefes de Estado americanos; Paralelismo entre D. Pedro I de Portugal e de Espanha; A destruição de S. Francisco da Califórnia por um terremoto; Simbolismo da árvore de Natal; A magnitude imensurável do Universo; Uma tragédia na revolução: a morte da princesa de Lamballe; Na Prússia houve monarcas pacifistas; e uma curiosa narração da vida de Esopo, o fabulista, etc, etc.

Considerações oportunas

Continuação da 1.ª página

A amizade, essa guarda-se no coração, e quantas vezes sangrando de dor, sacrifícios e incompreensões aquele terá de subordinar-se aos ditames esclarecidos da razão!

Todos sabem que os homens são levados muitas vezes pelas funções que desempenham a tomar atitudes inflexíveis apesar de, pobres de nós todos, estarmos sujeitos como é da condição humana a todas as misérias e fraquezas.

De resto o sr. Comandante Henriques de Brito não perdeu as eleições, quis perdê-las, ganhando mais ainda, se é possível, a nossa estima e o nosso maior respeito!

Estou a lembrar-me desse Homem que conduziu a Inglaterra do sangue suor e lágrimas à sua mais difícil vitória e passado pouco tempo perdia as eleições para Chefe de Governo.

E seria que o povo britânico se esquecera da grandeza do sacrifício, do esforço heroico e da incomparável abnegação do obreiro dessa vitória?!

Os Melhores Presentes para a Quadra Festiva são Livros

Na nossa casa encontra um sortido invulgar de livros nacionais e estrangeiros que, mais do que qualquer outro presente, agradarão ao seu médico, ao seu advogado, ao seu professor, a todas as pessoas ilustradas das suas relações.

Os livros são os presentes mais distintos

Papelaria CASA BRASIL

— Manuel Alexandre —
Rua da Liberdade — TAVIRA

Grémio da Lavoura de Tavira

Batata-semente Encontra-se desde já á disposição dos interessados batata de semente da variedade Arran-Banner estrangeira e nacional, de Montalegre. Desta última temos das classes B mixto e A meudo.

Para orientação dos produtores, prevenimos que as quantidades recebidas são deminutas, podendo esgotar-se de um momento para o outro.

Quotas Estão á cobrança as de 1959. As quotas em atraso vão ser enviadas, progressivamente, para a cobrança coerciva.

Tavira, 2 de Janeiro de 1959
A Direcção

VENDE-SE

Uma bicicleta motorizada marca Kreidler, em estado de nova.

Tratar no Terreiro D. Ana, 9 — Tavira.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-FOTOMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA-SONS

Ciática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS FARO—PORTIMÃO tefs. 368

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Emilia Lopes de Figueiredo e os srs. Dr. José Augusto Soares de Matos, Amadeu da Silva Fernandes, Manuel Solésio Padinha, Carlos do Nascimento Rocha e Carlos Viegas do Nascimento Rocha.

Em 5 — D. Maria José Soares da Fonseca, menino Luis Manuel da Conceição Esteves e o sr. Fernando Avelino Lopes da Cruz.

Em 6 — D. Isabel Figueira, D. Maria Viegas Ventura e os srs. Dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho, Dr. Virgílio Passos e Benedito Reis Fortunato Dias.

Em 7 — D. Maria Leonor Falcão Padinha Bastos Pinto, menina Maria Pereira, meninos António José Laranjo Correia e António Joaquim Mendes Milharó e o sr. José Augusto dos Reis Júnior.

Em 8 — D. Maria Olga dos Reis Silva, menina Maria Benedita Faustina, menina Maria Susana Miguel e os srs. Luis Rodrigues Coelho e Túlio Vicente Correia Matos.

Em 9 — D. Odete Marília Peres, D. Maria Julieta dos Santos, menina Maria Rita Trigos Torres e o sr. Manuel da Silva Lopes.

Em 10 — D. Eulália Augusta Reis, D. Maria Helena Correia Palmeira, D. Maria Virgínia Graça, Mle. Maria Celeste Camões Castanho Soares, Mle. Maria Clotilde Duarte Corvo, Mle. Olívia Alvarez de Sousa e os srs. Dr. Arnaut Pombeiro e José Agostinho Júnior.

Partidas e Chegadas

De visita a seus avós e tios, esteve nesta cidade, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Ruth Brito Neto da Silva Macanita, o sr. Dr. José Caetano da Silva Macanita, 2.º Tenente da Marinha.

— Depois de ter passado a quadra festiva do Natal nesta cidade, regressou para Mafra acompanhado de sua esposa e filha, o sr. Geraldino Leocádio Anica, furriel do R.I.4, que se encontra a frequentar o curso militar na E.P.L.

— Depois de ter passado alguns dias nesta cidade, em companhia de sua família, regressou a Lisboa o sr. Tenente Túlio Gamboa Evangelista.

— Com sua esposa, encontra-se na capital onde foi passar a quadra festiva do Natal, o sr. Joviano Flávio da Cunha Cruz, Capitão da Marinha Mercante.

— De visita a sua filha genro e neto, esteve nesta cidade passando o Natal com sua esposa, o sr. Vicente do Carmo Jr., tesoureiro da Câmara Municipal de Torres Vedras.

— Com seu esposo encontra-se na capital onde foi passar as festas do Natal, a sr.ª Dr.ª D. Mariete Mercês de Oliveira Bomba Garcia, directora do Externato «Nossa Senhora das Mercês», desta cidade.

— No gozo de férias esteve nesta cidade o nosso assinante sr. Gilberto Ambrósio Baptista, 1.º cabo da Aviação, em Lisboa.

— Com sua esposa e filhinha encontra-se nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. António José Mimoso Faisca, funcionário da Alfândega de Lisboa.

— Encontra-se nesta cidade onde veio passar as Festas com sua família o nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Jorge Carlos da Costa, residente em Setúbal.

— Com sua esposa e filhos encontra-se nesta cidade o nosso amigo e conterrâneo sr. Dr. Manuel Sabino da Costa Trindade, médico na capital.

— Com sua família encontra-se em Tavira, o nosso velho amigo sr. Dr. Arnaldo dos Santos Lança, meretíssimo Juiz de Direito de 1.ª classe, numa das Varas de Lisboa.

— Foi á capital com sua esposa onde passou o Natal com sua filha, genro e netos, o sr. Joaquim Patarata, proprietário e negociante, residente na Luz de Tavira.

— Partiu para Lisboa onde foi passar uma temporada em casa de sua filha, a sr.ª D. Maria da Conceição Pinto.

— No gozo de férias estiveram nesta cidade de visita a seus pais os srs. Waldemar Monteiro Baptista, Aspirante de Infantaria, Olavo Monteiro Baptista, Cadete da Escola do Exército e Celestino Monteiro Baptista, 1.º cabo enfermeiro.

— Com sua esposa e filhinha seguiu para Lisboa o sr. Francisco Jorge Ribeiro, oficial da Marinha Mercante.

— Com sua esposa regressou do Norte do País o sr. Professor José Joaquim Gonçalves.

— Esteve nesta cidade o sr. Joaquim Sêco Baptista, agente técnico de Engenharia, residente em Coruche.

— Encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Alferes Fernando Diniz Ferro, ao serviço em Lisboa.

Casamento

No passado dia 24 de Dezembro realizou-se na Capelinha das Aparições no Santuário de Nossa Se-

INFORMAÇÕES REVISTA

«A Cooperação»

O Sr. Engenheiro Agrônomo Bento dos Santos Nascimento, funcionário do Posto Agrário do Sotavento do Algarve, passou a desempenhar as funções de técnico de 1.ª classe.

A Folha oficial publica a exoneração, a seu pedido, do lugar de subdelegado de Saúde privativo do concelho de Tavira, do sr. Dr. Jaime Bento da Silva, nomeando-o para a Delegação de Saúde do distrito de Faro.

nhora de Fátima, na Cova de Iria, o casamento da sr.ª D. Maria Judite Estêvão Costa, professora oficial, filha do sr. José Costa, agente da P.S.P. aposentado, e de sua esposa sr.ª D. Maria da Conceição Vargas Costa, natural da freguesia de Santo Estêvão deste concelho, com o sr. José Joaquim Gonçalves, professor oficial, filho do sr. Manuel Gonçalves Junior e de sua esposa sr.ª D. Maria Adélia, proprietários, natural da freguesia da Luz de Tavira.

Foram padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Edite Vargas Graça, aluna da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o sr. João Aldomiro de Sousa, farmacêutico nesta cidade e Vice-Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional e, por parte do noivo, o sr. Dr. Jorge Augusto Correia, Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional e sua esposa sr.ª D. Maria Amélia Passos Correia, representados no acto pelos tios maternos do noivo sr. Joaquim Patarata e sua esposa sr.ª D. Maria Henrique Patarata, proprietários, residentes na Luz de Tavira.

Foi celebrante o rev.º Padre Frei António de Almeida Pinto, da Ordem dos Franciscanos, amigo íntimo dos noivos, que na altura própria fez uma brilhante alocução. Seguidamente, o rev.º Padre José Arsênio Aguiar, pároco das freguesias da naturalidade dos noivos, celebrou missa «prospinos» e deu as bênçãos rituais.

No final realizou-se na Pensão 13 de Maio um finíssimo copo de água. Abriu a série de brindes o sr. professor Virgílio Ferreira Fagulha, ilustre Director do Distrito Escolar de Faro, a que se seguiram outros oradores.

Os noivos que seguiram em viagem de núpcias para o Norte do País, fixaram a sua residência em Conceição de Tavira.

No dia 27 do corrente, celebrou-se na Igreja paroquial da Luz de Tavira, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Silos Viegas Pires Palmeira, prenada filha da sr.ª D. Maria Boaventura Pinto Viegas Pires e do sr. Sebastião Martins Palmeira, com o sr. Leonel Avelar de Freitas, filho da sr.ª D. Esmeralda da Conceição Avelar e do sr. José do Livramento Freitas.

Foram padrinhos por parte da noiva as sr.ªs D. Maria Agripina Nunes Viegas Valente e D. Maria Tomé Pinto Corvo e por parte do noivo os srs. Manuel Correia de Freitas e Edmundo Botelho.

Aos conjugues desejamos muitas felicidades.

Doente

Seguiu para a capital, onde foi consultar a medicina, o sr. António Alves de Sousa, jardineiro municipal desta cidade a quem desejamos rápidas melhoras para os seus sofrimentos.

Necrologia

Faleceu nas Caldas da Rainha, onde residia, o sr. Capitão de Mar-e-Guerra, reformado, Adolfo de Sousa Trindade, de 71 anos, que

Assinalando o início do 3.º ano de publicação, a revista de cultura, informação e divulgação técnica das actividades económicas nacionais, «A Cooperação», editou um número especial com 64 páginas, profusamente ilustrado e capa a cores, representativa da unidade nacional e da inteira cooperação que deve existir entre a Metrópole e as demais províncias ultramarinas espalhadas pelo Mundo.

O n.º 32, referente a Dezembro, com capa alusiva ao Natal e enriquecido com encartes a cores e sumário valioso e bastante variado, como é tradicional, será enviado, como presente de Natal, a quem remeter à Redacção, Rua Alves Torgo, 13, r/c E., em Lisboa, apenas 4\$00 em selos.

«A Cooperação» é a revista mais completa da especialidade, pequena enciclopédia que reúne uma colaboração escolhida e equilibrada das actividades económicas, sem esquecer os problemas de educação, cultura e ultramar, a todos insuflando espírito de renovação, dinamismo e confiança na nossa capacidade técnica, económica e social.

Os novos têm em «A Cooperação» uma revista à altura das suas aspirações generosas e idealistas, em cujas páginas muitos de há muito colaboram.

Agradecimento

A família de Duarte Baptista, sem desejar ferir a reconhecida modéstia do Ex.º Sr. Dr. Augusto Carlos Palma, vem, publicamente, patentear o seu profundo reconhecimento a este distinto clínico pelas atenções e carinho que se dignou dispensar durante a sua prolongada e pertinaz doença.

PRECISA-SE

Dama de companhia e governante.
Nesta Redacção se informa.

CASA

Na Praça da República ou na Rua da Liberdade, alugá-se.
Resposta a este jornal.

foi chefe do Departamento Marítimo do Sul e por algum tempo presidente da Câmara de Tavira.

Em Lisboa, faleceu o sr. Joaquim Martins Pacheco, de 54 anos de idade, natural de Tavira. Era empregado no comércio, e deixa viúva a sr.ª D. Maria Augusta Marques Pacheco e era pai da sr.ª D. Maria Manuela Marques Pacheco Videira e sogro do sr. Rui Lopes Videira, empregado comercial.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

RELÓGIOS

E prejuízo total a aquisição de relógio que não seja de marca garantida!

As marcas Omega, Zenith, Longines, Breitling, Tissot, Cortebert, Aureus, Serpines, Amylea, Argus, Eska, Uergines, Camy, Zinal, Record, Doxa, Lukei, Zoty, Hertig, Suly watey, White Star, Watex, Sorel, Lincoln, Ampy, Cauny, Carex, Mila, Techinos, Lancil, Tagus, Heloisa e Olma

Encontram-se à venda na

Ourivesaria Mansinho TAVIRA

Esta casa toma inteira responsabilidade em qualquer relógio que venda das marcas acima referidas, garantindo que os seus preços não oferecem confronto com os de outra casa, em virtude das suas compras serem efectuadas em condições vantajosas

CARDOSO - Cabelleireiro

A Casa que emprega sempre nos seus trabalhos produtos e aparelhagens de qualidade, apresenta o último progresso na permanente.

Instituto de Beleza Cardoso

TELEF. 180

Rua da Liberdade, 18-1.º — TAVIRA



Permanente Neutra e Permanente Frio

FUTEBOL QUADROS

3 de Loulé Antigo

O BOM cinéfilo não é só aquele que tem grande assiduidade ao cinema, o que escolhe bons filmes ou mesmo o que sabe de cor e salteado a vida mundana e íntima dos grandes astros da sétima arte. Saber viver os problemas do

por OFIR CHAGAS

cinema e encarar com optimismo os diversos contratemplos que roubam a comodidade que ele de antemão já pagou na bilheteira, é também uma das grandes virtudes do cinéfilo.

Isto, vem a propósito duma aventura que o meu amigo Jeremias, grande entusiasta pelos filmes da Lollobrigida me contou e que se passou com ele no cinema da sua terra. Era domingo e

exibia-se uma dessas escaldantes fitas que fazem esquecer demais a ponta das orelhas e em que todo o cuidado com as cotoveladas dirigidas pelo vizinho do lado, resultadas pela maneira entusiasta como ele vê o filme, é pouco. Mas, o meu amigo Jeremias não se importava com tal, pelo contrário ele era até um daqueles que correspondia a essas arreliadoras cotoveladas, especialmente quando encontrava um parceiro que lhe desse réplica animadora.

Por isso ele saiu logo de manhã á procura de quem lhe emprestasse um desses preciosos livrinhos que dão direito aos lugares reservados, muito procurados e escassos quando os filmes são bons, mas muito cedidos quando o enredo se compara a uma pilula de matar insónias.

Foi debaldemente que o Jeremias procurou uma pessoa amiga que lhe fornecesse o milagroso livrinho; o espectáculo era bom e toda a gente, por infortúnio do meu amigo, resolveu ir nessa noite ao cinema.

A desilusão começou a vincar-se no seu rosto juvenil pois a hora aproximava-se e ele não arranjava bilhete para vêr a sua Lollo, entim, digamos de passagem, para ver uma boa película tão raras no cinema-zinho da sua cidade.

Mas... Claro! Então ele, uma pessoa tão esperta, não se lembrava que poderia conseguir uma entrada sem grandes esforços, se bem que tivesse de gastar mais dez ou quinze tostões. Sem demora correu para a pessoa salvadora, uma figura bastante conhecida no meio, que se tornou popular por esses pequenos favores, aliás pagos.

O bilhete foi conseguido, dizia-me ele, mas mal sabia eu que a aventura estava no início.

Depois de jantar, vestido com o seu melhor «terno» e todo perfumado como se fosse tentar conquistar a sua tão adorada Gina, aí vai ele direitinho ao cine. Gostava de ir cedo a fim de poder distribuir cumprimentos para a esquerda e para a direita às pessoas importantes que ele tão bem conhecia.

Instalado no seu lugar, numa cadeira da segunda fila, apesar da pequena distância que o separa do ecran panorâmico de cinemascope, ainda desta vez o meu amigo achou solução para o assunto: Trazia óculos escuros, estava o caso arrumado.

Primeiro chegou o seu vizinho da esquerda um indivíduo bastante forte cuja cadeira era insuficiente para se instalar; seu braço polpudo e monstruoso obrigava o Jeremias a fazer uma inclinação parecida à da Torre de Pisa. Mas... credol! A cadeira da direita pertencia a uma senhora idosa, também da classe dos «pesados» e o meu amigo viu assim, de um momento para o outro, roubada toda a comodidade que os sete escudos do bilhete, acrescidos do suplemento de quinze tostões, lhe dava direito.

Quase desaparecendo entre as duas montanhas de banhas, sua frágil figura fazia lembrar uma fatia de fiambre ladeada de dois bons nacos de pão.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

ANO NOVO

Ano Novo,
Chegaste.— Oh! até que enfim! —
Diz o povo
Que te julga um querubim,
Um messias
Todo ilusões e alegrias.

Crer nos anos?
Ai quem me dera essa crença!
Mas dos anos
Não há um que me convença.
Ai, os anos...
Que nos trazem? — Desenganos!

Ano velho!
Despreza-te toda a gente,
Ano velho,
Esquecida, certamente,
— Pobre Povo! —
Que também já foste novo!

Ano findo,
Na tua natividade
Eras lindo
E amado como deidade,
Mas teus meses
Que nos trouxeram? — Revezes!

Deus permita
Que tu, novo Ano Novo,
Só desdita
Não tragas pra o pobre Povo.
Mas te digo:
— Não te tenho como amigo.

Oh Novo Ano,
Que nos trazes? Uma oferta?
Mais um ano!
Essa dá-nos-la, pla certa!
E que mais?
Mais um passo pra os covais!

É asneira
Pelos anos sentir crença.
Verdadeira
É esta velha sentença:
— Só mais anos...
Nos podem dar Novos Anos!

Alberto Augusto

Apesar de todos estes contratemplos o meu amigo sabia resignar-se, pois a tentação de ver a sua artista predilecta fazia-o encarar tudo isto com grande paciência.

Começou o espectáculo e depois de uns documentários machadores que mereceram do público da geral uma prolongada ovação por terem terminado e de umas comichões sofridas, provenientes da impertinência de alguns insectos saltões e vagabundos, o nosso herói viu chegado o grande momento.

O filme principal começara; as cenas amorosas e a beleza da heroína davam ensejo a «piropos» picantes da parte da geral, que faziam barafustar a senhora da direita, rir o cavaleiro da esquerda e sofrer, o mau e bom humor de ambos. O amigo Jeremias, hirto, sem poder fazer um único movimento ele continuava a sofrer, mas já desejando a todo o transe que chegasse o intervalo para poder ginasticar um pouco os membros há muito entorpecidos.

Na segunda parte do espectáculo o martírio continuou e durante os dez minutos após o reatamento da fita, houve lugar ao barulho do descasque e trituração dos habituais cinco tostões de amendoins. Este barulho enervante prejudicava a audição do meu amigo que à custa de tantos filmes italianos, sabia já um pouco da bela língua da terra de Nero.

Continua na 2.ª página

SEI, de antemão, que a maioria de vós, leitores, são fervorosos adeptos do futebol, a quem alguém, imerecidamente, cognominou de «desporto-rei». Não tenciono, evidentemente, reprovar a modalidade. É um desporto, e, como tal, um precioso auxiliar da educação física. Só é de lastimar que normalmente seja praticado com violência tamanha que se torna prejudicial. Reprovo o fanatismo da enorme massa humana que aplaude delirante uma disputa de duas equipas; reprovo a mentalidade de quem sacrifica tudo a um desporto que, hoje em dia, é praticado exclusivamente com o intuito do interesse. Para os praticantes é o passaporte para uma vida fastosa e para um pedestal, onde, ídolos, são adorados pela multidão dementada.

Apesar de estar integrado nos desportos salutareos, o futebol não tem, embora muitos erroneamente o julguem, a eficiência da natação, do atletismo, do remo, etc., etc. É, até, duma maneira geral, prejudicial ao organismo.

É, necessário, vital para o presente e futuro, que não olhemos somente para o desporto. É muito menos como simples espectadores. Os desportos não foram criados para deleitar multidões, mas para desenvolver a juventude. Não desejamos, certamente, que alguém diga que nós nos contentamos com — pão e bola —, tornando, afinal, actuais as palavras de Nero, o sangrento imperador romano, que disse que os seus súbditos se contentavam com — pão e circo —.

Não quero, repito, insinuar a abolição do desporto.

Os Jogos Olímpicos constituem um espectáculo de magnificência incomparável.

As tão famosas olimpíadas, nascidas na milenária e gloriosa Grécia, não visaram o interesse lucrativo, mas a criação de atletas. A educação física, uma lei obrigatória, transformava qualquer grego num atleta olímpico. Todavia, esta medida estadual não prejudicou a formação moral e intelectual do povo. Corroborando o que afirmo, os grandes nomes, as grandes obras literárias, artísticas, filosóficas, matemáticas astronómicas, etc., etc., numa eloquência muda incomparável, demonstram ao Mundo todo o valor da Antiguidade Clássica. E tanto assim, que cada vulto da velha Grécia enche o Mundo. Platão, Sócrates, Pitágoras, Fídias, Míron, Homero e centenas de outros, são valores que a Humanidade venera há séculos e venerará para todo o sempre.

Conclusão: a educação física e a formação moral e intelectual são imprescindíveis. Uma sem a outra pouca valia tem. Em resumo: devemos tentar tornarmo-nos atletas de músculos e de cérebro. Punhamos tudo no seu lugar. Lembremo-nos do velho rifão: «não vá o sapateiro além da chinela».

Alberto Augusto

Calendários

Da Sociedade Amoníaco Português recebemos a oferta de um interessante calendário para 1959 feito sobre fotografias do artista fotógrafo Eduardo Nogueira, de Évora.

Também da acreditada fábrica de bonés, panamás, camisas e roupa «Martinal» recebemos a gentil oferta de um interessante calendário para 1959.

Os nossos agradecimentos.

Receptores de T. S. F.

Técnico competente executa toda a espécie de concertos. Nesta Redacção se informa.

Na escala das maiores novidades, certa noite, na principal artéria de então — a Praça do Município (não existia a avenida que hoje é o primeiro cartaz de Loulé) — automóvel descapotado, com os seus dois potentes focos eléctricos, em velocidade moderada em relação às de uso actual, mas grande em relação à época, evolucionava, durante horas, por essa larga e aparatosa Praça.

Era a novidade do automóvel e o primeiro que Loulé iria possuir!

Curiosidade grande no povo que se aglomerava nos largos passeios a contemplar a maneira como aquela mecânica, toda metida entre tábuas lindamente pintadas e estofos num espaço pequeno, com quatro rodas muito mais pequenas, andava por si só em grandes corridas. Espanto em todos os mirões! Mas o que mais despertava a curiosidade geral, eram os potentes projectores eléctricos e o som desconhecido da buzina. Verdadeira revolução nos espíritos e um despertar de adormecimentos para as coisas do progresso, tanto mais que a electricidade ainda na vila não era conhecida.

E quanto mais o «trem sem cavalos» circulava praça acima e praça abaixo, toda a sua desenvoltura era objecto das mais disparatadas referências, críticas, ideias diabólicas, exclamações, etc.

A novidade contagiara grandemente toda a população louletana; não se falava de outra coisa. E na rapaziada das escolas fizera espanto geral.

Para essa gente não era o automóvel — era o *gatomol* misterioso, que andava sem ser puxado a parrelhas de cavalos e mais do que os trens do Pablos, mesmo a toda-brida.

Iluminava, como nunca se vira coisa igual, toda a vasta Praça, e feria os olhos dos que pretendiam encarar de frente os faróis.

«Que luzes são estas? Que coisa será esta do *gatomol*?»...

Eram estas as interrogações dos velhos e novos que tal viam pela primeira vez!

Loulé, visto pelo desenho geométrico, dá-nos a imagem de uma comprida cobra, de barriga volumosa com a configuração de haver engolido algum láparo.

A Campina de Cima, a cabeça; a área da Câmara Municipal, a barriga; as ruínas do Convento de Santo António, a cauda.

Para uma nítida apreciação de tal desenho, o melhor ponto de observação é a «Cruz de Assumada», — esse maravilhoso observatório de deslumbrante panorama: serra, orografia, urbanismo, mar, céu, luz, moñhos de vento, flores, arborização, enormes pedreiras de fundas escavações; é todo um cenário que, talvez a cerca de duzentos metros de altura do nível do mar, empresta a Loulé um pormenor que seria de belíssima utilidade turística, se para tal se conjugassem os verbos das reais propagandas e as iniciativas dos louletanos fizessem desse aprazível sítio o bem estar que o turista hoje exige.

Goncinha, Fonte da Pipa (Quinta da Esperança), Fonte de Alfarrobeira, Areeiro, Vale Formoso, Rosal, Rio de Lebre, Cadoiço, Romeirinhas, Horta da Cássima, Campina, Portas do Céu, Pegos do Cavalo e tantos outros sítios propícios às várias distrações de recreio e prazer, supriam, nesse já dis-

tante tempo, os hoje modernos cafés, as facilidades de transporte e de deslocação, e, o corolário de automóveis e bicicletas a motor a embargar-nos por todo o lado e a todo o instante, o passo.

Eram esses sítios preferidos, na relatividade da época, a pacatez e a segurança onde não se morria como hoje se morre a sorrir às velocidades, mortífero prêmio das loucuras presentes!

Cada lugar era um santuário onde a mocidade «orava» consoante o sentimento dos bens que Deus confere a todo o pecador. E em cada um deles se amava e recreava como santo lenitivo à vida de cada indivíduo.

Eram as desfolhadas por esses campos além, os bailes de roda por todos os montes onde havia moçoilas de cubicar, os jogos de malha com mestres de pontarias tais que onde punham os olhos colocavam a malha; os piqueniques, os passeios, as cantigas; os bazares, o célebre carro triunfante com Mestra Catapirra no comando das danças e cantares, as festas em miniatura em igrejinhas que salpicam graciosamente os arredores da vila: Santa Catarina, Senhora Santana, São Luís, Portas do Céu; a romaria aos peros do Rio de Lebre, as nêspas do lindíssimo e poético Rosal, as laranjas da apalaçada Horta da Campina; os afamados bailes da Goncinha, Campina de Cima e Cruz da Assumada; os idílios de amor no também poético Cadoiço e as serenatas até esta fonte de encanto, a amenizarem esse ambiente onde a mocidade feminina em noites de luar e de canícula ali ia sedentar-se com a belíssima e pura água a nascer das rochas aos borbotões; as canções e as guitarras com seus lânguidos trinados pelas ruas e a desoras a alvoraçarem corações amorosos, que vida sã não era a desses tempos!

Com o sossego nas vias públicas, as de maior amplitude serviam lindamente de avenidas (não existiam jardins nem largos floridos) onde se passeava com o espírito confiado e bem disposto.

Pela rua de Serpa Pinto grupos passeantes de jovens raparigas lá iam cantando:

«Mulher ingrata
Para que me amaste».

Outros grupos, pela estrada de São Brás à Campina de Cima e mais outros pelo Largo de S. Francisco até ao Convento (aqui me recorde de quando a Feira de Loulé nesse vasto descampado se realizava, pelos fins do mês de Agosto de calores que faziam secar as fontes; feira de grande reclame e aparato buliçoso e comercial), quem ouvia essas coloridas vozes argentinas desgarradas bouletanas, logo ficava com a certeza de que a alegria e o viver desse povo eram

Continua na 2.ª página

Pela Imprensa

«Aurora do Lima»

Entrou no 104.º ano de publicação este nosso prezado camarada, decano dos jornais proviçianos.

Ao brilhante paladino de Viana do Castelo e ao seu ilustre Director, sr. Filipe Fernandes, endereçamos as nossas felicitações, fazendo votos pelas suas prosperidades.